

**Dicionário
do Diabo**

**Ambrose
Bierce**

CARAMBAIA

**Tradução e apresentação
Rogerio W. Galindo**

Sumário

Apresentação, por Rogerio W. Galindo	— 5
Cronologia	— 17
Prefácio do autor	— 21
A — Z	— 27
	— 300

Apresentação

**Misantropia
em verso e prosa**

Em abril de 1888, Ambrose Bierce publicou um poema que mais tarde sairia em livro no seu *Dicionário do Diabo*, ilustrando o verbete “Perda”. Era um epitáfio para o magnata das ferrovias Collis P. Huntington. Ao contrário do que ocorre nos epitáfios em geral, não se tratava de uma homenagem:

Aqui jaz *sir* Huntington, voltou ao pó.
A perda que teve foi nossa vitória,
Pois quando vivia, em toda a sua glória,
O que ele ganhava perdíamos nós.

Um detalhe a ser levado em consideração: Huntington estava vivíssimo. Só morreria em 1900, doze anos depois, não antes de outro enfrentamento com Bierce, mais direto e mais célebre. Huntington havia emprestado do governo americano 130 milhões de dólares para suas ferrovias e estava fazendo tramitar no Congresso, por meio de um deputado amigo, um projeto que anistiava sua dívida – coisa de 10 bilhões de dólares em dinheiro de hoje.

Bierce foi designado pelo jornal em que trabalhava para cobrir o assunto. O projeto só passaria se corresse em sigilo. Ao descobrir que o jornalista estragaria tudo, Huntington teria perguntado a ele qual era o seu preço. A resposta que ficou registrada nos jornais foi a seguinte: “Meu preço são 130 milhões de dólares. Se quando

you will be ready to pay I will be out of town, you can deliver my friend, the secretary of the Treasury of the United States”.

Who had asked Bierce to cover the story for another multimillionaire, this much more famous: William Randolph Hearst, the model for *Citizen Kane* by Orson Welles, and who is also cited in a poem from *Dictionary*, illustrating the verb “Diary”.

Again, the character appears as dead when he was still alive, and once again to be criticized – this time, in truth, ridiculed. The “cartorário” laughs at all the “second-hand” that Hearst wrote in his diary and decides that he is not ready for heaven or for hell. Chute-o de volta para a Terra.

Hearst, who bought *The Examiner* very early, was the patron of Bierce during more than a decade. The journalist broke with him due to the treatment given to his texts and columns in the newspaper. Among the texts that he published via Hearst was a large part of what was to be this *Dictionary*.

The two poems serve to show the true irreverence of Bierce. A word used in excess for any type of humor, in the case of Bierce it fits perfectly: he really seemed not to restrain his instinct of criticism in front of nothing or no one. On the contrary: the more powerful the target – and the greater the taboo that it involved –, the more acidic would be Bierce's comment.

By chance, but also by luck, the first definition in *Dictionary*, in the original alphabetical order, in English, is of “Abasement”, here translated by “Rebaixamento”: “Attitude of mental decency and custom in the presence of wealth and power. Particularly appropriate in an employee when talking to the employer”. At the beginning of the book, it is clear that Bierce is not willing to bow down to wealth or to power.

The author really does not pay reverence. He criticizes all cultures – but mainly his own, the United States; he questions all religions, but with greater emphasis on Christianity, which is back on its feet; he ironizes all professions, but with special acidity towards his own, of journalist, writer and even dictionary writer.

The poems, in this edition translated for the first time in Portuguese, are clear in their criticism of demolishing institutions, cultures and categories: and yes, also, individuals. Like Dante centuries ago, Bierce places his contemporaries – the more intocable among them – in a kind of hell, in circles destined for hypocrites, cowards and the vain. Especially for the vain.

Dictionary is, in the end, a libel against human arrogance, against our pretensions. Religion is criticized before anything else for its pretension to know everything. Politicians, for their pretension to infallibility. The Americans, for their pretension to be superior to everyone else.

A soberba, diz a teologia, é a mãe de todos os pecados. Bierce, em um livro que se intitula “diabólico”, concorda.

O Diabo do título – muitas vezes em sua carreira Bierce fazia uso de um personagem-colaborador intitulado John Satan – substituiu a palavra “cínico” das primeiras edições do livro. E aparece aqui e ali justamente punindo personagens da época de Bierce, como o governador de Illinois que comutou a pena de um grupo preso por terrorismo, e que aparece (também ainda vivo) torrando no fogo do inferno, no verbete “Suspensão”.

A crítica à instituição religiosa, porém, não significa que Bierce fosse realmente diabólico. Primeiro porque curiosamente uma das raras figuras que ele elogiava era... Jesus Cristo. (Conte quantas pessoas aparecem no *Dicionário* sem ser como maus exemplos. Há alguns grandes escritores, como Shakespeare e Milton. Mas não espere muito mais...)

Em uma carta a um amigo, Bierce diz que, para ele, o grande teste moral para decidir se uma ação é boa ou não (o seu imperativo categórico, por assim dizer) era pensar: o que Cristo faria? Deixando claro que ele respeitava o Cristo histórico: não o dos padres nem o dos comentadores, dirá em seguida.

Mas o Cristo de Bierce parece ser o que expulsa os vendilhões do templo. E na maior parte do tempo, no *Dicionário*, é dos vendilhões que ele fala. E de nós todos – pois

somos todos vendilhões em alguma medida, em algum momento. Um crítico, Clifton Fadiman, já disse que o que perpetuaria a obra de Bierce, muito mais do que seu talento, era a “pureza de sua misantropia”.

Mas a misantropia dele dizia respeito muito mais à espécie. Os personagens selecionados são expostos por serem o epítome de um pecado que cabe a todos – ou, como ninguém é de ferro, por terem pisado nos calos de Bierce. No entanto, na vida real, o escritor (embora pudesse ser vil, conforme relatam seus biógrafos) era também capaz de gestos raros para proteger alguém.

Ao contrário dos que dizem amar a humanidade (o mais fácil) e rejeitam cada um dos seus espécimes, Bierce faz o caminho oposto, e muito menos trilhado – desespera-se com a humanidade, mas na Guerra Civil (1861-65) coloca-se em risco para salvar colegas. Não à toa, acabou com uma bala na cabeça que o retirou temporariamente de combate.

Em todos os gestos “misantrópos” de Bierce há também algo de crença no humano. No confronto com o magnata da ferrovia, sua afronta só faz sentido porque ele queria defender uma boa causa – o erário. No seu texto, vale o mesmo. Se enfrenta a soberba, é porque quer defender alguém contra ela. Quer defender a própria humanidade? Nós?



O *Dicionário do Diabo* é mais do que centenário. As primeiras definições começam a aparecer em 1881. Durante 25 anos, Bierce foi acumulando verbetes. Aparentemente, escrevia os textos e deixava-os na gaveta, usando para completar o espaço de suas colunas quando precisava. Mas já em 1869, comentando um texto de Noah Webster, ele falava na ideia de um “dicionário cômico” a ser produzido por um autor norte-americano.

Em 1906, esse dicionário virou livro, com o título *Vocabulário do cínico*. Cinco anos mais tarde, com mais definições, apareceria já como *Dicionário do Diabo*, nesta versão clássica que você agora tem em mãos. Desde então, devido ao uso de pseudônimos, de verbetes que não foram incluídos apesar de publicados em jornal e de dificuldades de estabelecer quais textos realmente são de Bierce, várias edições aumentaram o volume de verbetes.

Isso significa que o projeto ocupou metade da vida (conhecida) de Bierce. Nascido em 1842, ele tinha menos de 30 anos por ocasião das primeiras definições. Na edição do livro em seu formato atual, ele estava à beira dos 70. E até onde se pode saber, viveria apenas mais três anos – na verdade ninguém tem como ter certeza, já que ele aparentemente partiu para o México para acompanhar Pancho Villa na Revolução Mexicana e desapareceu; ninguém sabe onde e como morreu.

David E. Schultz e S.T. Joshi, organizadores de uma edição clássica do *Dicionário* publicada pela Universidade da

Geórgia, afirmam que esta pode não ser a obra-prima de Bierce – nos Estados Unidos, ele é muito mais admirado por alguns contos, como *An Occurrence at Owl Creek Bridge*. Mas este, dizem eles, é o livro que melhor transmite o espírito do autor.

“Na verdade”, afirmam, “a vida e a carreira de Bierce podem ser resumidas em uma única frase”. E essa frase é do *Dicionário* e está na definição do verbete “Cínico”: “Um canalha cuja visão defeituosa vê as coisas como elas são, não como devem ser”. Poderia também ter dito: e não como os outros querem que vejamos.



As edições do *Dicionário* traduzidas para o português omitiram os poemas (assim como algumas edições em língua inglesa e em traduções para outros idiomas). Os poemas, alegou-se em algum momento, não são a parte mais interessante da obra.

Pode ser. Bierce, de fato, era um prosador antes de tudo – a poesia ele praticava sempre, mas não com a mesma naturalidade. Os versos do *Dicionário*, por exemplo, são formalmente bem-acabados, mas talvez alguém não se empolgue com eles por não serem escritos na intenção de revelarem um estado de espírito, um sentimento: não são poemas líricos, e sim poemas descritivos, usados

para contar histórias que ilustrem aquilo que a descrição do verbete não faria melhor.

Amputar os poemas, assim, é retirar do leitor a chance de conhecer o projeto inteiro de Bierce, como ele se propôs a escrevê-lo. Sem eles, por exemplo, não se fica sabendo em plena escala das diatribes do autor contra seus contemporâneos. E há poemas realmente bons: alguns hilários, outros formalmente perfeitos, todos escritos com competência e domínio da técnica.

Mas a técnica é o que menos importa. O que conta é que os poemas são mais uma arma na mão do autor para combater seu bom combate. O combate contra a arrogância humana que marca o *Dicionário* da primeira à última palavra.

Para isso, Bierce se serve de moldes de poetas clássicos da língua inglesa, de Pope a Longfellow, passando por Byron, e assina os poemas com vários nomes falsos. Alguns viram verdadeiros personagens do livro, como o padre Gassalasca Jape ou Judibras. Ao leitor brasileiro, todos são novos.

Às vezes a tradução, principalmente em função do gosto de Bierce por jogos de palavras e trocadilhos, pode ter feito perder algo do original. Mas a força da palavra dele há de ter sobrevivido para mostrar como lidava com o mundo ao seu redor o mais puro dos misantropos – em prosa e verso.

Cronologia

— 1842

Nasce em Ohio, nos Estados Unidos, em 24 de junho, Ambrose Gwinnett Bierce.

— 1857

Sai de casa aos 15 anos para ser aprendiz de impressor em um pequeno jornal de Ohio.

— 1861

Depois de se alistar no Exército, Bierce participa, ao lado dos Unionistas, da campanha contra os Confederados na Virgínia Ocidental.

Na batalha de Rich Mountain, os jornais o citam por um ato de bravura, ao fazer um resgate ousado de um companheiro de armas ferido.

— 1862

Promovido a primeiro-tenente, atua como engenheiro topográfico da confecção dos mapas de batalha. Participa da batalha de Shiloh.

— 1865

Depois de ser atingido por uma bala na cabeça, ainda na Guerra de Secessão, Bierce é dispensado

do Exército. No ano seguinte, participa ainda de outra expedição para inspecionar postos militares quando vai a cavalo até a Califórnia.

— 1871

Casa-se com May Ellen Day. Com ela, teria três filhos: Day, Leigh e Helen.

— 1872

Muda-se para a Inglaterra, onde mora até 1875.

— 1873

Publica, em Londres, *The Fiend's Delight* e *Nuggets and Dust*, seus primeiros livros, sob o pseudônimo Dod Grile.

— 1879

Tenta carreira como gerente de uma mina, mas a empresa vai à falência e ele decide voltar ao jornalismo.

— 1881

Torna-se editor da revista *The Wasp*, em que começa uma seção chamada "Prattle" – ali surgem os primeiros verbetes do *Dicionário do Diabo*.

— 1887

Passa a trabalhar no *The Examiner*, de William Randolph Hearst.

— 1891

Publica *Tales of Soldiers and Civilians*, uma coletânea de contos sobre a Guerra Civil Americana.

— 1899

Muda-se para Washington, como correspondente do *The Examiner*. Publica *Fantastic Fables*.

— 1904

Já separado da mulher desde 1888, Bierce se divorcia.

— 1906

Publicada a primeira edição do dicionário, com o título *O vocabulário do cinico*.

— 1911

O *Dicionário do Diabo* sai em sua versão acabada.

— 1912

Sai o último dos 12 volumes de sua obra completa.

— 1913

Bierce deixa Washington, supostamente para cobrir a Revolução Mexicana, e desaparece. Presume-se que tenha morrido no México.

O *Dicionário do Diabo* começou a ser publicado em um jornal semanal em 1881 e continuou de maneira inconstante e por longos intervalos até 1906. Naquele ano, grande parte dele foi publicada em livro com o título *O vocabulário do cínico*, nome que o autor não teve o poder de rejeitar nem a felicidade de aprovar. Para citar os editores desta obra que aqui vai: “Este título mais reverente tinha sido anteriormente a ele imposto pelos escrupulos religiosos do último jornal em que uma parte do trabalho havia aparecido, com a consequência natural de que, quando foi publicado em formato de livro, o país já havia sido inundado por imitadores que publicaram dezenas de livros ‘cínicos’ – *O cínico isso*, *O cínico aquilo* e *O cínico sei lá o quê*. A maior parte desses livros era simplesmente estúpida, embora alguns deles tenham acrescido a distinção da tolice. A desaprovação que esses livros trouxeram à palavra ‘cínico’ foi tal que qualquer livro a usá-la caía em descrédito antes de sua publicação”.

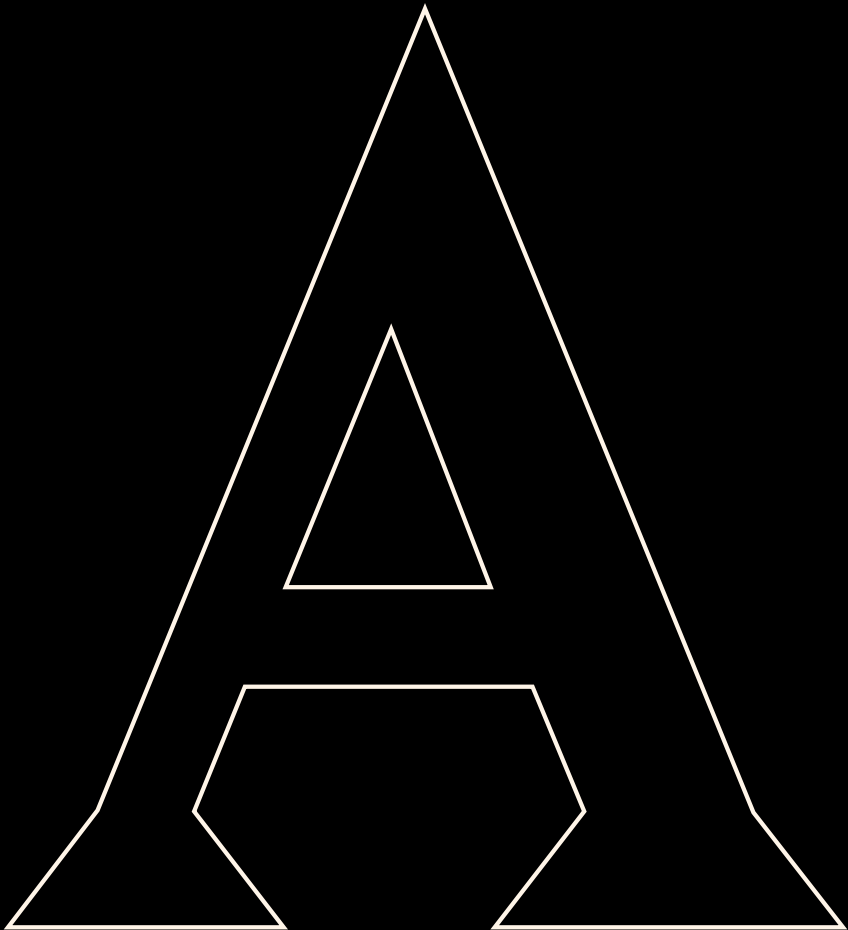
No meio-tempo, além disso, alguns dos empreendedores humoristas do país tinham se servido das partes da obra que lhes interessavam, e muitas de suas definições, anedotas, frases e assim por diante tinham se tornado mais ou menos correntes na fala do povo. Essa explicação vai aqui, não por qualquer orgulho de anterioridade em ninharias, mas simplesmente para negar as possíveis acusações de plágio, o que não é uma ninharia. Ao meramente compendiar o próprio trabalho, o autor tem esperanças de ser visto como isento de culpa por aqueles a quem a obra se dirige – almas esclarecidas que preferem

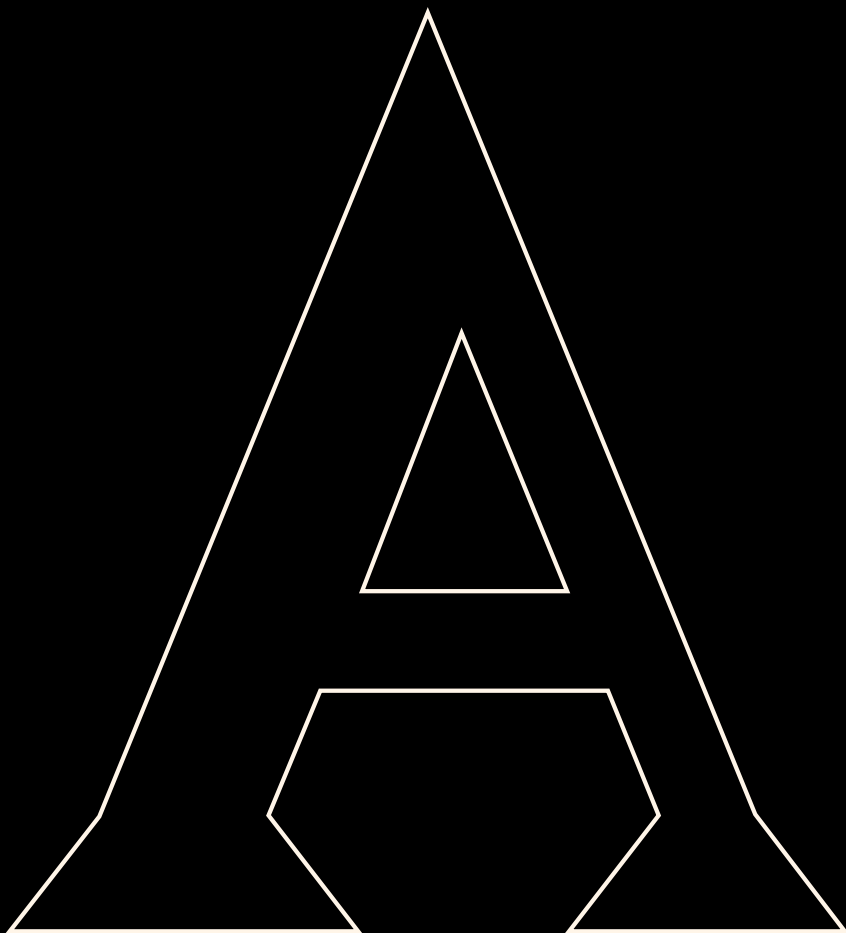
vinhos secos a doces, razão a sentimento, espirituosidade a humor e inglês puro a gíria.

Uma característica conspícua, e espera-se que não desagradável, do livro são as abundantes citações ilustrativas de eminentes poetas, principalmente deste erudito e engenhoso clérigo, o padre Gassalasca Jape, S.J., cujos versos trazem suas iniciais.

O autor reconhece sua imensa dívida ao padre Jape pelo gentil incentivo e pela assistência recebida.

A.B.





abatis

(*abatis*), s.m.

Lixo em frente a um forte para impedir que o lixo de fora moleste o lixo de dentro.

abdicação

(*abdication*), s.f.

Ato pelo qual um soberano atesta sua sensação da alta temperatura do trono.

*Morreu pobre Isabela, cuja
abdicação
moveu todas as línguas da
Espanha de então.
Não deve o gesto macular
sua memória:
Foi sábia, o trono era quente
para ela.
Não há de ser nenhum enigma
para a História –
mais uma ervilha seca a pular
da panela.*

— G.J.

abdômen

(*abdomen*), s.m.

O templo do deus estômago, de cuja adoração, com direitos sacrificiais, todos os homens de verdade participam. Das mulheres essa antiga religião exige apenas um assentimento hesitante. Elas por vezes oficiam no altar de maneira indecisa e ineficaz, mas não conhecem a verdadeira reverência pela única deidade que os homens realmente adoram. Se as mulheres pudessem decidir livremente

sobre os negócios do mundo, a espécie se tornaria herbívora.



aborígenes

(*aboriginies*), s.2g.pl.

Pessoas de pequeno valor encontradas penando sobre o solo de um país recém-descoberto. Em breve eles deixam de penar; passam a fertilizar.

abracadabra

(*abracadabra*), s.m.

*Com Abracadabra é possível você
usar muitos significados.
É a resposta para O quê?
e Como? e Por quê?
E De onde? e Para onde? –
um termo que vê
A Verdade (que nos deixa
descansados)
Abrir-se aos que tateiam
na hora escura
Clamando pela luz sagrada
da cultura.*

*Se a palavra é verbo ou
substantivo
É algo além de meu recurso.
Só sei que o termo se man-
teve vivo,
Passando de erudito para
erudito
Ao longo do tempo infinito –
uma parte imortal do discurso!*

*Conta-se a lenda de um
velho singular
Que chegou a ser dez
vezes secular,*



Vivendo numa gruta fora
da cidade
(Por fim ele morreu, verdade.)
Sua sabedoria tinha fama vasta
Pois, além da bela calva, basta
mencionar a longa barba gris
E o brilho incomum do olhar feliz.

Filósofos vinham de todo lugar
Para estar a seus pés e escutar
e escutar,
Apesar de ninguém ter jamais
escutado
Uma outra palavra a seu lado
Que não “abracadabra, abracadabr,
Abracadab, abracada,
Abraca, abrac, abra, abr!”.
Era a única palavra falada,
Era tudo que eles queriam ouvir,
e a plateia
Tomava muitas notas dessa
mística ideia,
Que publicavam presto –
Uma gota de texto
Num imenso mar de comentários.
Eram livros poderosos e gigantes,
E em quantidade, vários;
Quanto ao conteúdo, impressionantes!

Ele morreu,
Disse eu,
E os livros dos sábios já viraram nada,
Mas a sabedoria permanece e
é sagrada.
Em abracadabra ela soa com
solenidade
Sino antigo badalando pela
eternidade.
Ah, adoro ouvir
Essa palavra traduzir
O Juízo Geral das Coisas pela
Humanidade.

— Jamrach Holobom

abreviar

(abridge), v.t.

Encurtar.

*Quando no transcorrer dos
eventos humanos torna-se
necessário para um povo
abreviar o governo de seu rei,
um respeito decente pelas
opiniões da humanidade exige
que se declarem as causas que
o impelem à separação.*

— Oliver Cromwell*

* Oliver Cromwell (1599-1658), militar e líder político inglês, foi o principal responsável pela prisão e execução do rei da Inglaterra Charles I, em 1649. [Todas as notas são do tradutor.]

abrupto

(abrupt), adj.

Súbito, sem cerimônia, como a chegada da bala de canhão e a partida do soldado cujos interesses são mais afetados por ela. O dr. Samuel Johnson disse belamente sobre as ideias de outro autor que elas eram “concatenadas sem movimentos abruptos”.

absentista

(absentee), s.2g.

Pessoa com posses que teve a prudência de se retirar da esfera de extorsão.

absoluto

(absolute), adj.

Independente, irresponsável. Uma monarquia absoluta é aquela em que o soberano faz o que lhe convém desde que agrade aos assassinos. Não restam muitas monarquias absolutas, a maior parte delas foi substituída por monarquias limitadas, nas quais o poder do soberano para fazer o mal (e o bem) é bastante reduzido, e por repúblicas, que são governadas pelo acaso.

abstêmio

(teetotaler), s.m.

Aquele que se abstém de bebidas alcoólicas, às vezes de maneira completa, às vezes de maneira toleravelmente completa.

abstinente

(abstainer), s.2g.

Pessoa fraca que se rende à tentação de negar a si mesma um prazer. Um total abstinente é aquele que se abstém de tudo, exceto da abstenção e, especialmente, da inatividade em relação aos assuntos alheios.

*“Você não era abstinente
rematado?”.*

*Falou o homem ao garoto
embriagado.*

*“Sou sim”, falou após o flagra
o vil tratante –*

*“Mas não, senhor, daquele tipo
intolerante.”*

— G.J.

absurdo

(absurdity), s.m.

Afirmção ou crença que está em manifesto desacordo com a própria opinião.

academe

(academe), s.m.

Escola antiga em que se ensinavam moralidade e filosofia.

academia

(academy), s.f. [de academe]

Escola moderna em que se ensinava futebol.

acéfalo

(acephalous), adj.

A surpreendente condição do cruzado que distraidamente passou a mão no topete horas depois de uma cimitarra sarracena ter, sem que ele percebesse, passado por seu pescoço, como relatado por De Joinville*.

* Jean de Joinville (c. 1224-1317), cronista medieval das Cruzadas.

acidente

(accident), s.m.

Ocorrência inevitável devida à ação de leis naturais imutáveis.





acordeão

(*accordion*), s.m.

Instrumento em harmonia com os sentimentos de um assassino.

acordo

(*accord*), s.m.

Harmonia.

acusar

(*accuse*), v.t.

Afirmar a culpa ou a falta de valor de outrem; mais comumente como uma justificação pelo fato de termos sido injustos com essa pessoa.

adágio

(*adage*), s.m.

Verdade desossada para dentes fracos.

adivinhação

(*divination*), s.f.

A arte de farejar o oculto. Há tantos tipos de adivinhação quanto há variedades frutíferas do palerma vicejante e do néscio precoce.

adjunto

(*deputy*), s.m.

Parente do sexo masculino de uma

pessoa que exerce um cargo ou de seu fiador. O adjunto geralmente é um homem jovem e bonito com uma gravata vermelha e um intrincado sistema de teias de aranha que vão de seu nariz até a mesa. Quando acidentalmente a vassoura do zelador o acerta, ele solta uma onda de pó.

*“Ó meu caríssimo adjunto”,
Falou o chefe, “Eis o assunto:
Uns contadores dos ministros
Vêm hoje ver nossos registros.
Se houver um roubo no escritório
Vamos entrar no relatório.
Por isso cuida das entradas,
Mostre as planilhas adequadas,
E nas saídas dê a baixa –
Não haja erro em nosso caixa.
Eu te admiro. Sem alarde
Chegas tão cedo e saís tão tarde,
E enfrentas todos lá sentado,
O que se esgoela, o outro irado,
E mesmo quem nervoso avança
O teu semblante eu sei que
amansa –
No teu olhar há certa paz
Que acalma mesmo o mais audaz,
Acaba com toda revolta
E pacifica tudo em volta.
Até quem vem com o propósito
De vir sacar faz um depósito.
Mas esse vasto gênio agora
Virá também em boa hora
Se o empregarmos noutros ramos.
Levanta! Não se avexes, vamos!
Inspira todo subalterno
E põe a alma em algo eterno!”
O chefe bate levemente
Nas costas curvas do assistente,
E vê rolar ali no chão
Esfera inerte, globo vão.
Era a cabeça de um humano
Que estava morto há mais de
um ano!*

— *Jamrach Holobom*

admiração

(*admiration*), s.f.

Nosso educado reconhecimento da semelhança que outra pessoa tem conosco.

admoestação

(*admonition*), s.f.

Advertência gentil, como com um cutelo. Alerta amistoso.

*Enviada, como admoestação,
Sua alma para eterna danação.*

— *Judibras*

admoestação

(*expostulation*), s.f.

Um dos muitos métodos pelos quais os tolos preferem perder seus amigos.

adoração

(*worship*), s.f.

Testemunho dado pelo *Homo Creator* da sólida construção e do belo acabamento do *Deus Creatus*. Forma popular de abjeção que tem um elemento de orgulho.

adorar

(*adore*), v.t.

Venerar aguardando algo.



advogado

(*lawyer*), s.m.

Alguém perito em achar brechas na lei.

aflição

(*distress*), s.f.

Doença que se contrai pela exposição à prosperidade de um amigo.

aforismo

(*aphorism*), s.m.

Sabedoria pré-digerida.

*O flébil odre de sua mente
Age patologicamente
E tira desse oco abismo
A gota de um aforismo.*

— *O filósofo louco (1697)*

africano

(*african*), s.m.

Um negro cujo voto é semelhante ao nosso.

agitador

(*agitator*), s.m.

Estadista que chacoalha as árvores frutíferas dos vizinhos – para desalojar as larvas.



agradar

(please), v.t.

Construir as fundações de uma superestrutura de imposição.

agrura

(predicament), s.f.

O salário da coerência.

água de arroz

(rice-water), s.f.

Bebida mística secretamente usada por nossos mais populares romancistas e poetas para regular a imaginação e entorpecer a consciência. Diz-se ser rica tanto em embotadito quanto em letargina, e é destilada na névoa da meia-noite por uma bruxa gorda do Pântano Sombrio.

alá

(allah), s.próp.

O Ser Supremo Maometano, em oposição ao cristão, ao judeu e assim por diante.

*Ao bom Alá eu fui fiel e à sua lei,
 Pelos pecados dos mortais
 sempre chorei;
 E várias vezes de joelho na
 mesquita
 Cruzei as mãos em reverência
 e cochilei.*

— Junker Barlow

álbum de recortes

(scrap-book), s.m.

Livro geralmente editado por um tolo. Muitas pessoas de pequena notoriedade compilam álbuns de recortes com tudo o que leem sobre elas mesmas ou empregam outras pessoas para fazê-lo. Um desses egocêntricos foi citado nos versos a seguir, de Agamemnon Meancthon Peters:

*Ó Frank, aquele álbum de recorte
 Que tu amas com prazer
 Com citações de toda sorte
 Que adoras ler;*

*Eu sei que lá tu pões as zombarias
 Que envolvem a tua cama,
 Achando que as patifarias
 Atestam fama;*

*E sei que pões toda caricatura
 Que teu traço semita
 Só faz de troça e desfigura –
 E não te irrita;*

*Emprasta-me por favor; vou
 registrar
 Que surras tu irias
 Tivesse punhos Deus levar
 Todos os dias.*

alcance

(reach), s.m.

O raio de ação da mão humana. A área dentro da qual é possível (e comum) satisfazer de maneira direta a propensão de obter o que se deseja.

*Aprendemos na vida e com
 experiências*

*De um fato sem contestação:
 Tem o pobre a mais grave das
 deficiências,
 Um problema de alcance na mão.*

— G.J.

alface

(lettuce), s.f.

Erva do gênero *Lactuca*. “Com a qual”, diz aquele devoto gastrônomo, Hengist Pelly, “a Deus prouve recompensar os bons e punir os maus. Pois usando sua luz interior o homem justo percebeu um meio de compor para ela um molho para o gosto do qual conspira uma multidão de apetitosos condimentos, que podem ser harmonizados e melhorados com profusão de óleo, fazendo com que o prato como um todo alegre o coração dos pios e leve seu rosto a brilhar. Mas a pessoa sem valor espiritual é com êxito tentada pelo Inimigo a comer a alface desprovida de óleo, mostarda, ovos, sal e alho, e com um desprezível banho de vinagre poluído por açúcar. Por conseguinte, a pessoa sem valor espiritual sofre com um tormento intestinal de estranha complexidade e entoa o canto”.

aligátor

(alligator), s.m.

O crocodilo dos Estados Unidos, superior em todos os detalhes ao crocodilo das monarquias caducas do Velho Mundo. Heródoto diz que o Indo é, com uma exceção, o único

rio que produz crocodilos, mas parece que eles foram para oeste e cresceram com os outros rios. Em função dos entalhes em suas costas, o aligátor é chamado de sáurio.

aljava

(quiver), s.f.

Estojo portátil em que os antigos estadistas e os advogados nativos carregavam seus argumentos mais leves.

*Extraiu de sua aljava
 Argumento atinente
 Àquela discussão.
 Com cuidado mirava
 No ouvido renitente
 Do oponente em questão.*

— Oglum P. Boomph

alma

(soul), s.f.

Entidade espiritual sobre a qual houve sérias disputas. Segundo Platão, as almas que em um estágio anterior da existência (anterior a Atenas) tinham obtido os vislumbres mais claros da verdade eterna entravam nos corpos de pessoas que se tornavam filósofos. O próprio Platão era um filósofo. As almas que tinham contemplado menos a verdade divina animavam os corpos de usurpadores e déspotas. Dionísio I, que tinha ameaçado decapitar o filósofo de sobrance-lhas grossas, era um usurpador e um déspota. Platão, sem dúvida, não foi o primeiro a construir um

